

## Notas e Recensões

### O MURO DE BERLIM: UMA HISTÓRIA ©MORAL DA GEOGRAFIA MENTAL

«Nenhuma outra cidade é a tal ponto símbolo, lugar de sobrevivência.»

Wim Wenders

«É melhor que exista um Berlim vivo entre os mortos que nenhum Berlim — disse *frau* Altenschul.»

Hartmut Lange — *Das Konzert*

#### A construção de um mapa mental

Na sequência de outros inquéritos levados a efeito entre os estudantes de Geografia das Universidades portuguesas, com base na construção de mapas mentais, vem esta nota dar conta de mais uma experiência \*. No âmbito da disciplina de «Introdução aos Estudos Geográficos», leccionada na Secção de Geografia da Faculdade de Letras do Porto (1989--90), procedeu-se nas primeiras aulas, a um ensaio desse tipo. Os alunos do 1.º ano da licenciatura responderam ao tema proposto «O Muro de Berlim», através da construção de um *mapa mental*. Nenhuma outra indicação foram dadas para a elaboração do exercício a não ser a indicação do título e o material a utilizar: papel e lápis.

O objectivo primeiro era, sem dúvida, o da tomada de consciência, por parte do inquirido, sobre os seus conhecimentos geográficos ao ser chamado a depor sobre um tema importante e actual do mundo que o rodeia. Depois, levá-lo a reflectir sobre esse conhecimento (ou a falta dele): como e porque tem essa informação<sup>2</sup>.

Os «originais» e «graves» resultados coleccionados» sintomáticos do tipo e do actual estado do ensino, levaram-nos a admitir a sua divulgação. O universo dos inquiridos, mais do que representar o aluno universitário em geral e o de Geografia em particular, representa provavelmente um conjunto de jovens portugueses que pensam, imaginam e discutem o «Muro de Berlim», não só em função do que a escola lhes ensinou (ou não ensinou) mas,

---

<sup>1</sup> Queríamos aqui agradecer à Prof. Suzanne Daveau a sugestão do tema e o interesse com que seguiu todo o desenrolar do trabalho. Não deixam de ser sintomáticas as conclusões semelhantes a que chegou, a partir de idêntico ensaio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa, com alunos finalistas de Geografia. (Ver sobre anteriores experiências: S. DAVEAU e C. SIRGADO — «Como se situam no mundo os alunos, ao saírem do ensino secundário», *Finisterra*, Lisboa, XVIII, 36, 1983, pp. 411-418).

<sup>2</sup> Ver N. J. GRAVES — «La Geografia en la education» in *Geografia posado y futuro* (E. H. Brown coord.), México, Fondo de Cultura Económica, 1985, p. 151 ss.

sobretudo, em função dos dados obtidos através dos grupos sociais a que pertencem, dos meios de comunicação, etc.<sup>3</sup>.

Ausência, deturpação, manipulação da informação, sobre tudo isto poderemos pensar. O mais grave porém, parece ser a atitude passiva, acrítica, pouco interessada..., embora, opinião sobre o assunto todos tenhamos. «Qualquer português, saiba ou não saiba qualquer coisa acerca do assunto em mão, tem uma opinião, ou melhor, em bom português, tem um parecer [...]. O português quando não sabe, *acha*.»\*.

#### A leitura dos «Muros de Berlim»

Mas, comentemos os *mapas mentais* «geograficamente», segundo as escalas distintas a que foi representado o «Muro de Berlim»:

##### a) Berlim no conjunto da Europa

Sentir a necessidade de representar a Europa para nela localizar Berlim e o seu «muro», parece preocupação meritória, se ela não for o subterfúgio de quem nada sabe directamente sobre a cidade. Localizar no contexto europeu... Mas que Europa? As «Europas» que nos surgem são as Europas de um homem do Sul: representam-se Portugal, Espanha, França, Itália (sempre uma muito bem desenhada «bota»), algumas vezes a Grécia ou o

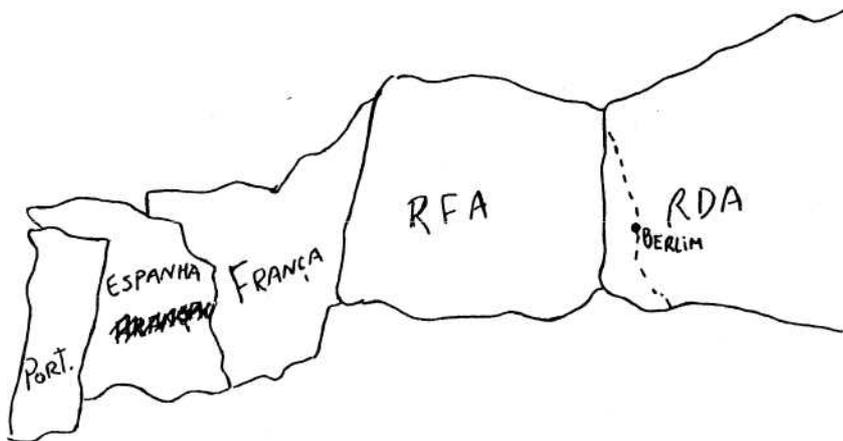


Fig. 1

<sup>3</sup> Sobre as diversas fontes de informação para a construção da imagem mental de um país estrangeiro, lembra JORGE GASPAR: «From the contents of educational books, to the use of certain food products, stories, legends and popular sayings, there is a multitude of informative potential.» (*Portugal and Europe: desirability of residence and channels of information. A geographical approach*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, s. d., p. 43).

<sup>4</sup> MIGUEL ESTEVES CARDOSO — *A causa das coisas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1986, p. 263.

Reino Unido. A construção tem uma seqüência: a ordem é a que indicámos. Surgem-nos assim, mapas «medievais», claramente de percurso<sup>5</sup>. Para chegar à Alemanha e a Berlim, há que partir de Portugal, depois Espanha... Esta Europa desenha-se em «fila» e, como o conhecimento decresce com a distância, também a exactidão e rigor da configuração de cada um dos países vai diminuindo à medida que mais afastados se encontram do «torrão natal» (Fig. 1).

Aos mitos\*geográficos da Itália-bota ou da França-atlântica<sup>6</sup>, juntamos a informação de que, mais longe, os países se confundem. A Áustria, quase circular, transpõe os Alpes; a Polónia, a Norte da R.D.A., ocupa todo o litoral, tomando este país completamente continental. E a dimensão dos países é desproporcionada em função da informação que se possui? Do poder das imagens da geo-estratégia internacional? (Fig. 2).



Fig. 2

<sup>5</sup> «O meu segundo Sudoeste não é uma região; é apenas uma linha, um trajecto vivido. Quando, vindo de Paris de automóvel (uma viagem que fiz mil vezes), passo Angoulême, um sinal avisa-me que passei o limiar da casa e que entro no país da minha-infância.» (ROLAND BARTHES — *Incidentes*, Lisboa, Quetzal, 1987, p. 14).

<sup>6</sup> «Terre pointant en direction de rAmérique, cap extreme de l'Occident penetram Télément marin, la France est aussi ce pays ayant à «lutter contre vents et marées» (P. FRESNAULT-DERUELLE — *Uimage manipulee*, Paris, Edilig, 1983, p. 125).

O «muro de Berlim» desaparece praticamente nestas visões europeias de conjunto, excepto se ele se confunde com a fronteira entre as duas Alemanhas ou (mais grave), com a ideia de «cortina de ferro». Um dos inquiridos desenhou um «muro de Berlim» que, descendo ao longo da fronteira soviético-finlandesa, atravessa a Europa e atinge o Mar Negro<sup>7</sup> (Hg. 3).

Fig. 3



b) Berlim, o Muro e as duas Alemanhas

A ideia da maioria é de que Berlim se encontra sobre a fronteira entre as duas Alemanhas. O «muro» não é mais do que um troço dessa fronteira. Daí, muitas representações não destrinçarem (pela espessura do traçado, p.e.), fronteira e «muro». Esta localização de

---

<sup>7</sup> «The Wall has been there since they can remember, a segment of the dividing line that runs through central Europe from the Baltic to the Black Sea» (TH. SANCTON — «25 Years of the Berlin Wall», *Time*, New York, 128, 7, 1986, p. 11). «Apesar de construído em betão, «Die Mauer» sempre foi o símbolo da Cortina de Ferro» (PAULA CAMACHO — «O Muro no Muro», *Expresso*, Lisboa, 23.12.1989, p. 20-R).

Berlim também a encontramos nas tentativas cartográficas à escala europeia. Assim, o «muro» que de facto envolve e isola uma parte da cidade<sup>8</sup>, surge-nos mentalmente alto, rígido, direito, prolongando-se para fora do perímetro urbano. Cortando as diversas escalas numa coincidência perfeita, ele é fronteira entre as duas Alemanhas e «Cortina de Ferro» (Fig. 4).

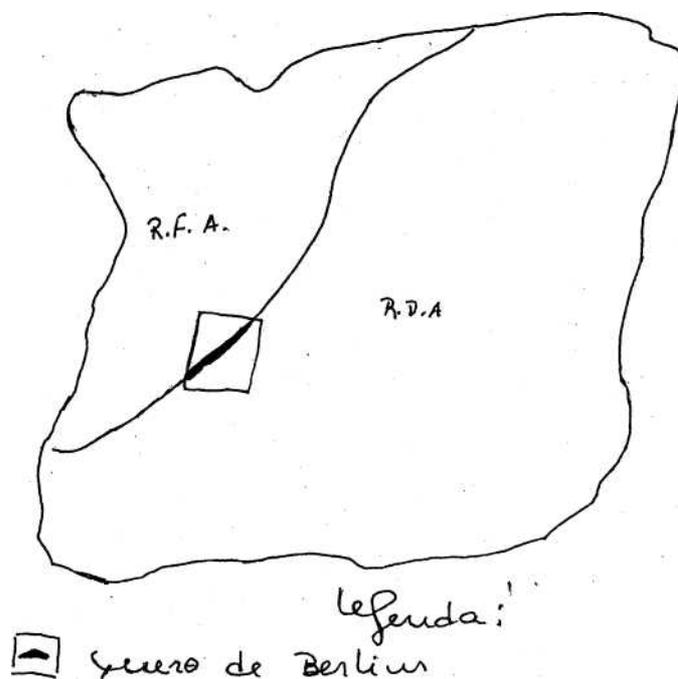


Fig. 4

Os dois países (R.F.A. e R.D.A.), cuja configuração é sempre estilizada (quadrados, rectângulos), são em grande parte dos casos, aproximadamente da mesma dimensão. Sendo um maior, é a República Democrática da Alemanha. Pela enorme quantidade de informação veiculada ultimamente? Por ser o país com conotações negativas? Os «maus» são sempre grandes! Em alguns casos as fronteiras orientais da R.D.A. não são marcadas, provando a sua ligação ao Bloco de Leste.

Há quem inscreva «Alemanha» pairando sobre (ou sob) os dois países, embora simbologia diferente os individualize fortemente do ponto de vista cartográfico. A ligação ideológica é marcante: há quem coloque «Pacto de Varsóvia» e «Nato» de cada um dos lados.

<sup>8</sup> Informação\* que se possui e se relaciona com a sensação de claustrofobia (que ideia se tem da dimensão da cidade?), mas que se esquece pela imagem do «muro» como barreira rectilínea.

A forte relação «Alemanha-Berlim» explica talvez que só num ou dois casos nos apareça Bona, embora mal localizada. A pouca importância da capital do estado federal e a existência de outras marcantes cidades, dispersa e faz hesitar sobre a informação a fornecer<sup>9</sup>. E quem saberá que Berlim-Oriental é a capital da República Democrática da Alemanha?

c) O «Muro» e Berlim

Tenhamos agora em conta a escala urbana. Aqui, mais claramente ainda do que nos outros casos, o «muro» é enorme, alto e espesso. A faixa que o representa (sempre escura) pode chegar a ocupar 1/5 da mancha gráfica que configura a cidade. Calculada a sua dimensão real, no caso das outras escalas, ele teria dezenas de quilómetros de largura (Fig. 5).

O «muro» é quase sempre visto do lado de «cá» (do Ocidente), imaginado de tijolo e encimado pelo arame farpado. Do outro lado, espreitam postos de vigia e soldados armados. Na aula, porém, comentar-se-á a arte do «muro»: os *graffiti*, as intervenções... Sabe-se então o «muro» colorido, vivido... o que, na realidade, só acontece na face virada a Oci-

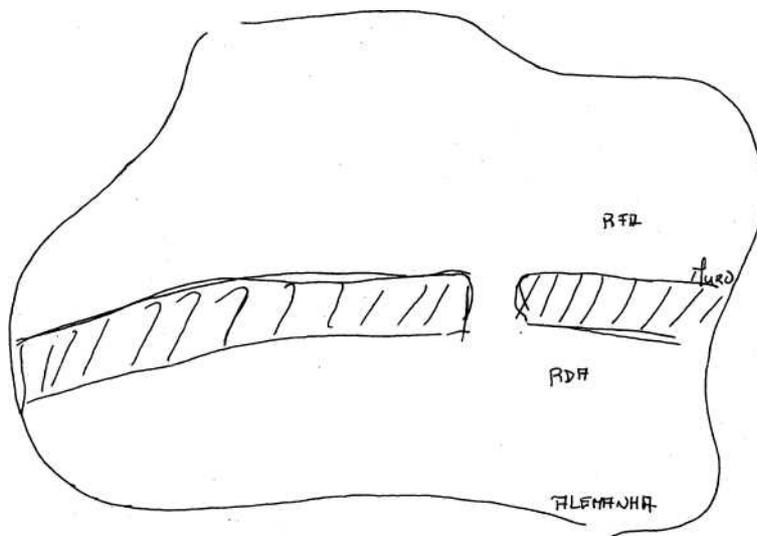


Fig. 5

<sup>9</sup> A imagem que temos hoje do poder e centralização de Berlim sobre o território alemão muito deve ao III Reich (Cfr. ROY MELLOR — *The Two Germanies*, Londres, Harper and Row, 1978, p. 48 ss.). Sobre Berlim como capital, comenta GOLO MANN, nos finais dos anos 20: «Berlin era ya todo un mundo de per si, y ai mismo tiempo la capital dei Reich, lo que no habia sido jamás antes de 1871, y solo muy limitadamente bajo Guillermo II: de ello se encargaba el federalismo de Bismarck, de ello se encargaban las múltiples dinastias, desde las más grandes hasta las más modestas. Pêro ahora acudia a Berlin lo más selecto de todas las regiones alemanas: ciência, literatura, música, arte, teatro, prensa...» (*Una juventud alemana — memórias*, Barcelona, Plaza & Janes, 1989, p. 173).

dente. Na hora de passar as ideias ao papel, ganha contudo força a visão ameaçadora: vê-se o «muro» do lado de cá mas, como ele é do lado de lá<sup>10</sup>.

Se a informação sobre as duas Alemanhas é mínima, para além da tentativa da sua configuração e localização das respectivas capitais (não há qualquer representação de fenómenos físicos ou de actividades humanas), ela ainda mais se reduz para o caso de Berlim. As duas (!) partes da cidade têm dimensões idênticas e não há uma única referência aos sectores inglês, americano e francês em Berlim Ocidental, o que também se verificará para as áreas militarmente sob controlo das tropas aliadas no território da República Federal da Alemanha.

As «plantas» surgem-nos sem qualquer referência a eixos de comunicação, a partes da cidade, a locais ou monumentos. O «muro» absorve todos os outros símbolos de Berlim ou ninguém ouviu falar de Brandenburger Tor, do Reichstag, da Kaiser Wilhelm Gedächtniskirche, de Alexanderplatz? ".

Repensemos as causas imaginando imagens mentais de Paris ou de Londres, numa análise comparativa com a informação que nos é fornecida sobre as outras capitais da Europa, agora, que só Berlim-Leste é capital de um país... do Bloco de Leste!

A esta escala de análise são ainda mais visíveis e marcadas as conotações políticas e ideológicas que apareciam já nas representações da Europa e das «Alemanhas». O «muro» separa os bons dos maus, os alegres dos tristes, a liberdade e a vontade de viver da opressão e do desânimo, etc. Inscrevem-se substantivos e adjectivos sobre a representação, embora na maioria dos casos, símbolos com um forte significado surjam a cada passo: as flores e o sol vs o arame farpado e a foice e o martelo, árvores viçosas e primaveris vs árvores outonais (ou queimadas pelas chuvas ácidas!), edifícios com antenas parabólicas vs barracas, *punks* vs presos políticos, etc. (Fig. 6). Quantas fugas para Ocidente ouvimos e lemos durante os últimos anos...

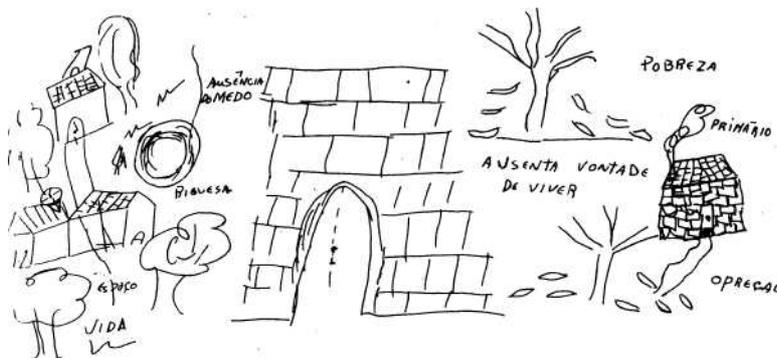


Fig. 6

<sup>10</sup> Do lado de lá, segundo a revista *Time*, a falta de informação cartográfica sobre o «outro» espaço (ou o espaço do «outro»), é uma prova mais do clima que se vive: «A visitor to East Berlin was consulting a city map on a park bench when an elderly woman asked if she could have a look. «We can't get maps that show the West», she explained, «and I just wanted to see the whole thing again.» (<?p. cit., p. 11).

<sup>1</sup> «Paris para a França, Budapeste para a Hungria, Londres para a Inglaterra, etc, são lugares que parecem ter fixado no seu plano, nos seus monumentos, nas suas pedras o essencial da história da nação, a ponto de restituírem a todos os sua imagem ou a sua recordação.» (A. FRÉMONT — *A região, espaço vivido*, Coimbra, Almedina, 1980, p. 205).

### A moral do «muro»

A leitura destes mapas mentais dos futuros geógrafos faz-nos reflectir sobre os nossos próprios, sobre a informação que possuímos (ou julgamos possuir), sobre a informação que procuramos (ou não procuramos). Mais importantes que as análises, as críticas ou as conclusões que possamos e queiramos tirar sobre o ensino, são as reflexões (como cidadãos) sobre as nossas visões do mundo.

O suposto aspecto lúdico do exercício cartográfico «Muro de Berlim» alterou-se, ao comentarmos (todos) os seus resultados, com o auxílio precioso dos professores da língua e cultura alemãs<sup>12</sup> e, depois, frente aos diversos mapas políticos da Europa desde 1871 e às diferentes plantas da cidade de Berlim<sup>13</sup>. Do nosso mapa mental à cartografia «real» através da análise do espaço do «outro» pelo «outro». Os comentários, críticas e perguntas dos construtores dos exemplos cartográficos, em tudo confirmaram a (des)informação verificada na expressão gráfica.

A História sempre foi construída pelos vencedores e nós sabemos tão pouco e tão mal a história recente... Diz Wim Wenders, a propósito de *Der Himmel uber Berlin (As asas do desejo)*: «... a história está aqui [em Berlim] física e emocionalmente presente, uma história que não pode ser vivida em qualquer outro lugar da Alemanha, da República federal, senão como negação ou ausência.»<sup>14</sup>. Nós somos os «outros», que temos uma «Alemanha» construída na cabeça, por tudo aquilo que nos contaram, que nós lemos, vimos e ouvimos. Uma Alemanha que não nos chegou através dos alemães. Daí perguntarmos: «Como alemão, o que sente com a queda do *muro*» Embora o primeiro problema a pôr fosse, logicamente, o da relação entre o homem e o «seu» espaço, lá, no centro da Europa das migrações, das culturas regionais, das línguas e dialectos, das comunidades religiosas. É que nós somos os «outros», que vivemos, os mesmos, há mais de 700 anos, com uma língua, uma religião, uma cultura, no mesmo rectângulo de terra. O nosso esforço tem assim de ser duplo, pela nossa condição («especial») de portugueses, em Portugal.

Repensada a condição de nacionalidade, repensemos também a de aprendizes de geógrafos através das palavras de Peter Gould e Rodney White no seu clássico trabalho sobre mapas mentais: «Perhaps better than most scholars, but certainly not alone and without the help of many others, the geographer should be able to make us see ourselves as others see us; to break down the stifling parochialism, the boundary thinking, the Us-Themism; to create an awareness of what location in an information space implies for forming images and judgements. Only when we realize the way in which our collective perceptions are controlled and biased by our locations in streams of information can we begin to break out of the judgemental prison in which we are all trapped in greater or lesser degrees.»<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> Queríamos aqui deixar o nosso agradecimento à Prof. Ursula Esser e à Dr.<sup>a</sup> Sybille Schenk, pela atenção com que apoiaram a nossa iniciativa, bem como aos colegas John Greenfield, Nicole Devy-Vareta e Teresa Sá Marques, pela participação contagiante nesta «queda do muro».

<sup>13</sup> A mais recente e actualizada visão de conjunto sobre os problemas geo-estratégicos mundiais, encontramos-na na obra de MICHEL FOUCHER — *Fronts et frontières, un tour du monde géopolitique*, Paris, Fayard, 1988. Sobre o problema alemão, ver capítulos XIV e XV, p. 391 ss.

<sup>14</sup> L. EISNER *et al.* — *Wim Wenders*, s. 1., Camera/Stylo, 1987, p. 150.

<sup>15</sup> P. GOULD e R. WHITE — *Mental Maps*, New York, Penguin Books, 1974, p. 186. Sobre o papel dos mapas mentais nas mais recentes correntes do pensamento geográfico, ver de ANTOINE BABLLY, «Distances et espaces: vingt ans de géographie des representations», *VEspace Géographique*, Paris, 3, 1985, pp. 197-205.

À saída da aula alguém comentava: «Afinal o que os jornais dizem não é verdade!». As vezes, a verdade de cada um... Os jornais, a televisão, o cinema, outros tantos campos aos quais podemos estender a nossa análise geográfica<sup>16</sup>. O certo é que quase nunca vemos mapas. Será que eles dão muito que pensar?

Caxias, Fevereiro de 1990

*João Carlos Garcia*

---

<sup>16</sup> Sobre a geografia e a televisão ver de SUZANNE DAVEAU — «Visão do mundo, televisão e ensino da Geografia», *Finisterra*, Lisboa, XIX, 38, 1984, pp. 252-256. Sobre o cinema: R. KLEINSCHMAGER — «La ville et le cinema: recherches sur la représentation de l'espace urbain dans le cinema européen et nord-américain», *VEspace Géographique*, Paris, 2, 1978, pp. 126 e 130.